



## SABEDORIA E EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE: A LITERATURA SAPIENCIAL JUDAICA

William Robson Cazavechia<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto, fruto da pesquisa realizada em torno da temática da sabedoria israelita, tem por objetivo descrever como foram forjados os fundamentos dessa literatura nos processos históricos que as constituíram. Visando, sobretudo, o fato de que em toda ela permeia a preocupação com a educação. Principalmente a educação que visa o “saber viver”. Pesquisa de cunho bibliográfico se serve e utiliza de alguns preceitos metodológicos críticos que a constitui. Foram levantadas as fontes, e, a partir de então, o trabalho de interpretação das mesmas com autores que se dedicaram ao tema tanto no Brasil como no exterior. A sabedoria que tem por sujeito o sábio tira das experiências e das observações vividas e feitas lições para viver. Cinco são as obras literárias principais que nos dão acesso a tradição sapiencial de Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes (Qohélet), Sirácida e Sabedoria de Salomão (CERESKO, 2004, p. 54). A prática religiosa é apenas um âmbito da vida, enquanto que para a sabedoria o mundo é tão vasto quanto tudo que pode ser encontrado no ambiente natural, nos eventos históricos, nas relações sociais, na ordem política, nos assuntos familiares, no trabalho cotidiano e na fé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sabedoria; Literatura; Educação na antiguidade

### 1 INTRODUÇÃO

A sabedoria se desenvolveu em todo o antigo Oriente Próximo<sup>2</sup> como um conhecimento que procurava orientar o homem em sua vida. Sicre (1994, p.273), apresenta algumas etapas no desenvolvimento da sabedoria israelita. A partir de sua análise, teríamos em um primeiro momento uma sabedoria universal desenvolvida em todo o antigo Oriente Próximo. Num segundo momento, teríamos a sabedoria israelita desde suas origens até o séc. VI a.C. Lugar no qual se encontra a sabedoria mais antiga e tradicional de Israel. Em um terceiro temos a crise da sabedoria representada por *Jó* e *Qohélet*. E, por fim, a etapa final quando a sabedoria é personificada.

Seguiremos essa elucidação feita por Sicre, porém, essa última etapa não será abordada nesse trabalho. Procuraremos falar principalmente da sabedoria em geral, da sabedoria tradicional israelita que tem no seu cerne o dogma da retribuição e da crise da sabedoria dos séc. V-III a.C. Tendo em vista que para Qohélet o que está em crise é a incapacidade da sabedoria orientar a vida e dar a ela um sentido (SICRE, 1994, p.278).

### 2 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento da pesquisa é de extrema importância para a compreensão da educação na antiguidade que assistiu à transição do ensino oral para o que se utiliza da literatura para se efetivar. Nesse sentido, tem nos textos bíblicos seu alicerce. Toda a Igreja e a Teologia dependem de uma correta interpretação destes textos e a exegese procura oferecer aos interpretes condições para que os textos sejam compreendidos em seu próprio ambiente. Por isso a proposta de uma pesquisa quanto aos livros sapienciais se faz importante em nossos dias. Pois demonstra, para além dos conteúdos dos textos, suas origens e apreensões que pressupõem. Além disso, o trabalho exegético no Brasil vem sendo desenvolvido a passos curtos no sentido de que as matérias são de difícil acesso. Além disso, para o próprio labor histórico tanto seu proceder quanto em seu descrever, contribui, uma vez que elucida fontes de períodos tão ricos para a formação de nossa religiosidade, educação e civilização. O que esperamos é que um trabalho como esse possa dirimir o esquecimento lembrando que a história da educação, embora disciplina recente, ainda sim iniciou-se também a muito tempo no antigo Israel.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho tem sua fundamentação teórico-metodológica principalmente nos autores Cássio M. D. da Silva e Horácio S. Yofre. São dois teóricos da exegese bíblica de grande competência e representabilidade na área em

<sup>1</sup> Acadêmico do Programa de Mestrado em Educação do PPE – UEM/PR na linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação e membro do Grupo de Pesquisa Sobre Política, Religião e Educação na Modernidade – UEM. cazavechia.william@hotmail.com.br

<sup>2</sup> O antigo Oriente Próximo pode ser identificado com o *Crescente Fértil*, ou *Meia Lua* e com a zona desértica limítrofe (LÍNDEZ, 1999, p.17). Por esses nomes se compreende uma imensa região em forma de uma lua crescente que se estende das desembocaduras do Eufrates e Tigre, na antiga Suméria, até o vale do Nilo. Aharoni (1999, p.12) diz, “essas terras se estendem em forma de um crescente desde o Golfo Pérsico até a Península do Sinai”, afirma que o deserto de Parã divide o Crescente Fértil do Egito. Sobretudo, não muda muita coisa. A Palestina ocupa uma importante posição. Fica entre os Impérios mesopotâmicos e o Egito, para uma comunicação entre eles era obrigatório a passagem pela Palestina, “uma ponte de terra”. Certamente a Palestina foi de alguma forma participante das grande parte dessas civilizações.



questão. Tal procedimento se deve a necessidade que o tema nos coloca de lidar com os textos bíblicos. Essa atividade obedece alguns passos em seu desenvolvimento. No presente trabalho, devido as limitações teóricas e as dificuldades com a aquisição de material, os primeiros passos da exegese, como a análise filológica, crítica da forma e da tradição, não serão desenvolvidos. Partiremos, nesse sentido, dos resultados alcançados por teóricos da área. Ademias, seguimos alguns passos da metodologia historiográfica no que diz respeito ao trato com as fontes de pesquisa. Segue-se a isso, a elaboração de uma proposta de interpretação e análise descritiva dos resultados alcançados de modo expositivo. Tal intento objetiva compreender o contexto em que a literatura sapiencial emergiu tendo em vista sua finalidade educativa de ensinar a viver. A pesquisa é bibliográfica.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Não é possível falar da sabedoria israelita sem considerá-la como parte de uma sabedoria que se desenvolveu em relação com outros povos do antigo Oriente Próximo. Os livros que compõem a coleção hebraica pertencem a esse meio cultural, religioso e lingüístico.

Temos, tanto na sabedoria israelita como na sabedoria do Oriente, toda uma peculiaridade no que diz respeito a nós<sup>3</sup>. Nelas não há predominância de uma distinção entre os aspectos intelectuais e cognitivos sobre os práticos. Os autores antigos “consideram a realidade humana uma unidade global indivisível”, nesse caso, sem a distinção teórico prático (LÍNDEZ, 1999, p.38). Assim, nas palavras de VV.AA (1983, p.16), temos:

O conhecimento não basta; o sábio deve ter também a capacidade de compreender, de ouvir, de falar. O comportamento não pode mais ser individual, mas deve conformar-se às exigências de leis que o ultrapassam. A sabedoria é uma *arte de “viver com”*, e o que os pais desejam é transmitir sua sabedoria aos filhos.

De modo geral a sabedoria pode ser definida como *habilidade*<sup>4</sup>. Considerava-se sabedoria o “conhecimento e as habilidades necessárias para lidar com a vida no mundo” (CERESKO, 2004, p.14). VV.AA (1983, p. 16), aponta que o termo hebraico utilizado para designar sabedoria *hokma* (hm'k.x') designa “a capacidade do homem, inata ou adquirida, de bem conduzir a própria vida e, se possível, de ser feliz”. O termo refere-se, portanto, ao conhecimento que orienta a vida. Quando se referindo as relações inter-humanas, sabedoria equivale à astúcia, sagacidade, discrição e prudência. Sábio é aquele que detém estas características. Em um outro aspecto, “a atividade dos sábios alcança um grau mais elevado ainda quando se propõe como objeto de suas reflexões problemas que afetam mais diretamente às pessoas”, como as desigualdades sociais, as injustiças flagrantes, o tema da morte e de Deus. A sabedoria que tem por sujeito o sábio tira das experiências e das observações vividas e feitas lições para viver. Não é tão importante o aspecto teórico, por isso a linguagem poética e figurada é utilizada para que quem ouvir possa também sentir e não apenas compreender (VV.AA, 1983, p. 17). Ela procura despertar os sentidos. Nas palavras de Gottwald (1988, p. 525):

“sabedoria” representa um modo de ver o mundo baseado em íntima observação e cuidadosa reflexão, num empenho por discernir a harmonia e a ordem substanciais que se percebe serem constitutivas dele. O estilo característico sapiencial não se detém, entretanto, na observação e reflexão, já que a sua meta é desenvolver estratégias de vida que *integrarão a existência do indivíduo com a ordem percebida do mundo*” (GOTTWALD, 1988, p. 525).

Em meio à confusão da vida o homem procura uma forma de descobrir o melhor caminho para trilhar. Essa forma é a sabedoria que oferece a ele as condições para guiar a própria vida. Sabedoria seria assim, de acordo com Ziener (2004, p. 333), uma *arte de pilotagem*. “Ela observa com atenção os acontecimentos; perscruta a multiplicidade das aparências, interpela a experiência própria e a dos outros para determinar as leis e os ciclos, cujo conhecimento seja útil para ordenar a vida” (*Ibidem*). Nesse sentido Gottwald (1988, p. 525) diz que a sabedoria “dirige-se à procura de estilo ético e de comportamento prático e compreensivo, adequado às situações

<sup>3</sup> Segundo Storniolo (2002, p. 11-12), sabedoria é uma forma de conhecimento e a distinção necessária a ser feita diz respeito à erudição, tida como acúmulo de conhecimento. “Sabedoria, porém diz respeito a um discernimento ou percepção profunda, que só se adquire através da digestão, lenta ou rápida, da experiência da vida. (...) De nada adianta simplesmente viver. É preciso fazer a *digestão* do que se vive, isto é, remexer e esmiuçar o que se viveu”.

<sup>4</sup> Era chamado sábio, na antiguidade, toda pessoa que possuía grandes habilidades em qualquer atividade humana. A raiz *hkm* como adjetivo ou substantivo indica a pessoa experiente em suas atividades, “da magia aos trabalhos manuais ou de alta especulação”. Ao falar de sabedoria e sábio em seu aspecto mais primitivo estamos nos referindo a atividades manuais, sábio é aquele que domina uma arte ou ofício. Sabedoria equivale à habilidade, destreza, perícia. (LÍNDEZ, 1999, p. 29, 56 e 57).



nas quais seus seguidores vivem”. A sabedoria não era apenas literária, mas preocupada com a ética social, em mover homens para o bem em uma ordem social sensata e justa. Ou seja, sabedoria seria algo prático.

Essa sabedoria, uma vez direcionada a discípulos que estão em contato com a vida cotidiana, foi comunicada pelos escribas de forma popular. Eles recorreram ao substrato da sabedoria popular. Segundo VV.AA (1983, p. 18), perguntaram-se “se nessa massa de observações, as mais diversas e contraditórias, é possível encontrar uma ordem ou leis gerais que possam guiá-los e possibilitar-lhes transmitir aos outros um ensinamento prático”. Sobretudo, mesmo que eles tenham assim procedido, não anula a distinção entre essas duas categorias, a herança dos sábios e o *escribalismo do estado* (que trataremos mais adiante).

As fontes ou mananciais onde se nutriam esses homens eram várias. A antiga sabedoria se enraíza na fecundidade do povo. Em outras palavras numa base mais ampliada onde se estabelecia o convívio de uma população em uma determinada época. Líndez (1999, p. 32) afirma:

é na convivência diária de uns com os outros que se aprende de fato a driblar os perigos que nos espreitam, a aproveitar as ocasiões oportunas, a utilizar devidamente o tempo e nossas qualidades, a descobrir o valor das coisas, o sentido dos acontecimentos e da própria vida. Tudo isso, e muitos mais, fica para sempre gravado não em pedra ou em madeira, mas em ditados fáceis e breves que o povo sabe apreciar e conservar: as sentenças e os provérbios (o *māšāl* hebraico).

As comunidades nos tempos antigos em sua formação e sobrevivência colhiam frutos de reflexões de suas experiências. Os frutos dessa reflexão são códigos legais que orientam a vida da comunidade. No que diz respeito aos indivíduos resultou em um tipo de sabedoria que orientava a sua vida em família. A partir da necessidade da transmissão para novas gerações desses conjuntos de pressupostos sobre a vida, desenvolve-se a formalização dessa sabedoria (CERESKO, 2004, p. 14). A sabedoria tem suas origens muito antigas e a forma mais antiga se consolida com ditos e provérbios. O dito expressa a classificação de um fato. O provérbio, por sua vez, descreve uma regra (GUNNEWEG, 2005, p. 328). O objeto destas reflexões é o homem enquanto tal e em suas relações, portanto, facilmente assimilável por povos diferentes. De acordo com Ziener (2004, p. 334), esse fato oferece a ela um caráter universal. O caráter principal dessa sabedoria antiga é uma ética que obriga a todos. O homem deve se esforçar para cumpri-las. Embora seja fruto de observação e reflexão sobre a experiência, não havia distinção entre o sagrado e o profano. A realidade não é profana. As leis do mundo são leis divinas.

Com o desenvolvimento de cidades Estados na Mesopotâmia, mais precisamente na Suméria antiga, e no Egito por volta do fim do quarto milênio proporcionou também o surgimento de *escolas de escribas*. A escola preparava líderes para o exercício burocrático e administrativo, e a escrita e leitura. Eram materiais voltados para a educação e instrução. Também coletavam provérbios, ditos e crônicas das façanhas dos reis. Ao lado dos reis eram colhidos materiais que pudessem aumentar seu prestígio. Alguns dos temas mais polêmicos, como a morte, o sentido da vida, a vida após a morte e o sofrimento do inocente, encontrados na sabedoria israelita são comuns no antigo Oriente Próximo. Sobretudo, a sabedoria era tida como algo que ajudava os reis na orientação do Estado. A literatura sapiencial estava ligada diretamente ao escribalismo. Nas palavras de VV.AA (1983, p. 24):

Se a sabedoria é necessária para a orientação da vida, quanto mais não o será para a direção dos negócios do Estado! O exercício do poder exige uma sabedoria superior, uma arte de timoneiro, que se aproxima da dos deuses. Se o rei participa da sabedoria divina, consegue manter o equilíbrio do reino e até contribuir para a conservação da criação desejada pelos deuses. Nessa perspectiva, que se encontra no conjunto do antigo Oriente Próximo, também o cosmo estava ligado ao agir real: ele dependia da sabedoria do rei<sup>5</sup>.

Portanto, o bom exercício do escriba aumentava também o poder dos reis (CERESKO, 2004, p. 15-17). As civilizações do antigo Oriente Próximo tiveram seus “centros de cultura” junto a suas cortes e santuários (LÍNDEZ, 1999, p. 18)<sup>6</sup>. O rei tinha, ao seu redor, conselheiros identificados por sábios que saíram das escolas de escribas

<sup>5</sup> Segundo Vaux (2003, p. 131 e 142), a eleição do trono pressupõe eleição divina, por exemplo, a escolha de Salomão e não de seus irmãos (IRs 2,15). Cada entronização requer renovo da Aliança e a adoção de um novo rei. “O rei é, pois, adotado por lahweh, o que não quer dizer de modo algum que seja igual a Ele, que seja divinizado”. O fato de acontecer em Israel a sucessão por primogenitura, como se seguiu durante a monarquia significa que Israel adaptou costumes de sucessão dos povos circunvizinhos.

<sup>6</sup> Líndez (1999, p. 18) afirma ainda, no início de sua obra *Sabedoria e Sábios em Israel*, que “há séculos o Egito e Mesopotâmia têm sido considerados o principal berço de nossas culturas ocidentais. (...) A cultura não permanecia no lugar de origem, mas percorria as rotas de caravanas e chegava a toda a parte (...) especialmente com as obras literárias”. O autor ainda aponta alguns títulos de obras sapienciais documentadas no Egito e Mesopotâmia. Sobretudo, é interessante aqui apenas aludir ao



com grandes aptidões administrativas. Eram conselheiros reais. Antes mesmo de Israel, que na verdade era pequeno grupo que chegou à terra de Canaã afirmando sua fé em lahweh<sup>7</sup>, aparecer em cena já havia, destarte, nessa terra uma classe de escribas. Embora não seja possível determinar o quanto dessa sabedoria influenciou Israel, é certo que Salomão, ao reestruturar o Estado pelo modelo dos reinos do Oriente Antigo, manifestou também um interesse maior pela sabedoria devido à necessidade de se formar um “corpo de escribas” (ZIENER, 2004, p. 338). As escolas de escribas abrem-se em Israel no tempo de Salomão. Escolas semelhantes às egípcias que procuravam formar administradores e diplomatas. “Estas escolas transmitem um saber: leitura, escrita, gramática, matemática, e também um ensino “profissional”: administração, diplomacia, sabedoria política, arte de fazer um recenseamento ou de fixar o imposto” (VV.AA, 1983, p. 18)<sup>8</sup>. São escolas de sabedoria que ofereciam a formação para os funcionários estatais, ou para funcionários reais. “O ideal do sábio, portanto, era primordialmente o ideal de determinada camada social, o funcionalismo sustentador do Estado” (GUNNEWEG, 2005, p. 328).

Em resumo, o mundo exterior que rodeia o homem é ordenado e estável e o céu distante. Os sábios formularam suas sentenças a partir da observação dessa realidade. Expressam por eles a ordem, o ritmo da natureza e do tempo. Assim temos uma categoria básica de todo o pensamento do antigo Oriente Próximo “a ordem do mundo” (LÍNDEZ, 1999, p. 62). Patrimônio esse que pertence a sabedoria antiga e não somente a de Israel<sup>9</sup>. Nele está fundamentada a autoridade do rei e de sua sabedoria mediante o trabalho do escriba. Por outro lado, escribas também tinham consciência da situação ambígua que se encontrava o ser humano. As possíveis desilusões eram sanadas com a abordagem de questões sobre o caráter paradoxal da existência do ser humano. Assim nas culturas antigas, e em Israel, encontramos duas direções para o pensamento sapiencial, um otimista e pragmático; outro especulativo e questionador. Os livros de Jó e Qohélet são exemplos desse último tipo de abordagem (CERESKO, 2004, p. 18).

O *escribalismo do estado* começou com Salomão (I a Reis 4,29-34) e prosseguiu até o exílio sem interrupção. Nele encontramos o ambiente mais provável para o desenvolvimento dos escritos sapienciais. Em todo o antigo Oriente Próximo encontra-se vestígios de que as escolas de sabedoria estavam ligadas a corte real. Embora tal explicação não diga respeito ao todo “se é que ao menos Provérbios, Jó e Eclesiastes chegaram ao complemento *depois que* o escribalismo governamental de Judá desmoronara e *antes que* o novo escribalismo religioso da Torá fosse plenamente desenvolvido” (GOTTWALD, 1988, p.528). Sobretudo, fica evidenciado que a sabedoria desenvolvida nesse ambiente não tem somente aquilo em que encontramos em uma sabedoria mais primitiva. É uma sabedoria mais desenvolvida que vai ganhar um forte corpo literário.

A tentativa de resolver os problemas vitais do homem encontram testemunhos escritos no Oriente Antigo. Não só entre os israelitas, mas também entre os egípcios, os sumérios e os babilônios. Essa *literatura sapiencial* contém principalmente compilações de sentenças, diálogos e considerações “mais extensas sobre o incompreensível destino humano e sobre a injustiça de sua situação existencial” (ZIENER, 2004, p. 334). Por isso não é possível falar da sabedoria israelita sem considerá-la como parte desse desenvolvimento em relação a outros povos. “A literatura sapiencial estava largamente representada desde o terceiro milênio, alimentada por tradições orais muito antigas” (VV.AA, 1983, p. 15).

Em Israel a influência dos sábios se estendeu por várias partes uma vez que aplicavam suas reflexões a governantes, legisladores, enfim, a qualquer um que se interessasse pela erudição (entendida como conhecimento prático). Uma vez que a religião ocupava lugar central em Israel os sábios israelitas desenvolveram muito cedo considerações sobre o “temor de lahweh”, mesmo que a religião em seu valor e significado fosse posta a prova (GOTTWALD, 1988, p. 525). Estavam presente principalmente nas cortes dos reis de Judá e Israel. Os sábios são classificados como profissionais ou não que tem possivelmente sua origem antes da monarquia até o fim do período veterotestamentário. “São identificados como os *mestres da corte, educadores* dos príncipes, funcionários e oficiais reais. (...) São os mestres da família de classe alta que vive na corte ou fora dela, ou também os mestres populares, futuros escribas ou peritos na Lei” (LÍNDEZ, 1999, p. 30)<sup>10</sup>.

Com Salomão é iniciada a coleta do material gnômico. Havia sábios, profetas, e sacerdotes pertencentes a classe dirigente. Responsáveis não só pelo direcionamento administrativo, mas também espiritual e religioso. Desse modo, enquanto a “sabedoria dos provérbios populares serve ao conhecimento das leis a fim de

---

fato de que o Egito desenvolveu sua literatura por meio de instruções e ensinamentos enquanto que a Mesopotâmia abarca um número maior de gêneros. Tanto um quanto o outro influenciou decisivamente a sabedoria israelita.

<sup>7</sup> Ceresko (2004, p. 21-22) resume de forma clara esse processo. Ele afirma a origem de Israel localiza-se entre povos recém-libertados que foram para Canaã. As histórias e tradições sobre lahweh e a libertação do Egito foram transformadas numa história comum que acabou cimentando as tribos e proporcionando a elas uma identidade. Para uma descrição completa desse processo confira GOTTWALD, *As Tribos de lahweh*, publicada pela Paulus.

<sup>8</sup> “É também a ocasião na qual são fixadas por escrito as tradições javistas do Pentateuco e as primeiras coleções de provérbios” (VV.AA, 1983, p. 18).

<sup>9</sup> “No Egito, a sabedoria é identificada como o *Maat*, o princípio divino, cuja influencia no ambiente sapiencial é reconhecida e diretamente relacionada à criação do mundo. Em Israel, o *Maat* é substituído pela presença e ação direta de Deus, Senhor da criação. (...) O homem pode descobrir com sua atividade sapiencial essa presença ativa de Deus no mundo” mesmo reconhecendo seus limites (LÍNDEZ, 1999, p. 62)

<sup>10</sup> Eram tão estimados estes mestres que eram também chamados de pai enquanto seus discípulos, sejam eles reis, príncipes ou plebeus, de *filhos* (LÍNDEZ, 1999, p. 30).



conseguir segurança para a vida, então a sabedoria tem um novo objetivo: a da formação humana” (ZIENER, 2004, p. 338) dentro do funcionamento administrativo do império salomônico.

Cinco são as obras literárias principais que nos dão acesso a tradição sapiencial de Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes (Qohélet), Sirácida e Sabedoria de Salomão (CERESKO, 2004, p. 54). Na literatura sapiencial<sup>11</sup> de Israel encontramos obras diversas quanto ao conteúdo e quanto a forma. Algumas partes destes escritos pertencem ao período pré-exílico e outras, como *Jó*, *Eclesiastes*, *Eclesiástico* e *Sabedoria*, são posteriores<sup>12</sup>. Nos seus modos existentes ela é manifestadamente pós-exílica. Embora esse tipo literário fosse muito antigo dentro de Israel. “O culto centralizado e instituições da corte introduzidos por Davi e Salomão proporcionaram ambientes oportunos para a literatura de salmos e de sabedoria a ser cultivada por funcionários régios” (GOTTWALD, 1988, p. 318). Assim a tradição judaica assumiu Davi como responsável pelos salmos e Salomão como sábio. Portanto, a atribuição de salmos e livros sapiências a Davi a Salomão respectivamente são tardias e pouco seguras. Mesmo que essa literatura tenha mesmo suas raízes no pré-exílio tal atribuição seria apenas uma forma de oferecer aos textos autoridade canônica<sup>13</sup>.

A maior dificuldade quando falamos sobre a literatura sapiencial diz respeito ao fato de termos poucas referências históricas o que torna difícil a datação e a identificação do ambiente em que se desenvolveram a tradição sapiencial (GOTTWALD, 1988, p. 523). O conteúdo é variado e as diferenças podem ser explicadas pelas distintas situações em que cada um se desenvolveu, pela diversidade do público e pelas finalidades distintas. O saber cosmológico foi utilizado principalmente no âmbito profissional, sacerdócio. Tradições didáticas pré-exílicas tinham interesses voltados à administração central e regional (MAIER, 2005, p. 104).

Os escritos sapienciais nos ensinam crenças, valores e práticas, pois, o ensino está diretamente ligado à vivência, “os mestres de sabedoria ensinaram e viveram” (CERESKO, 2004, p. 9). Acreditavam que dirigir a vida para Deus não restringe as atividades religiosas especificamente ligadas ao culto. A prática religiosa é apenas um âmbito da vida, enquanto que para a sabedoria o mundo é tão vasto quanto tudo que pode ser encontrado no “ambiente natural, nos eventos históricos, nas relações sociais, na ordem política, nos assuntos familiares, no trabalho cotidiano e na fé” (GOTTWALD, 1988, p. 525). Ceresko (2004, p. 9) afirma que a característica desta espiritualidade vem do fato dos mestres de sabedoria entenderem o reino do encontro divino-humano como sendo a vida humana comum, e, outrossim, a ênfase na centralidade dos relacionamentos. No encontro cotidiano com outros seres humanos, certas ações são recomendadas enquanto outras são desaconselhadas. Não apresentam um mundo amistoso, “examinam o poder e a sabedoria inerentes na criação e dessa forma investigam os limites da revelação e tentam explicar as complexas questões da vida” (HOUSE, 2005, p.601), mesmo que, em alguns livros, como diz Wolff (2003, p.147), “toda a vida se transforma em um grande enigma, e a natureza do próprio Deus se obscurece” devido a impossibilidade de dar soluções simples para situações perturbadoras em que o povo de Israel se encontrou. Sabedoria aqui pode ser entendida como “sistemas de valores”. Tal sistema pretende uma compreensão total do mundo pelo homem. Estamos falando de uma sabedoria muito antiga comum aos povos do Oriente Próximo. Essa sabedoria é aquela que precede a sabedoria em crise refletida nos livros de Jó e Qohélet. “Sua visão da realidade é simples e ingênua e não coloca sinais de interrogação ou de dúvida ali aonde não chega a compreensão da razão humana” (LÍNDEZ, 1999, p. 59).

Os temas da literatura são vastos. Wolff (2003, p. 140), sobretudo, aponta quatro áreas temáticas. A sabedoria retirada da natureza (conhecimento de botânica e zoologia, I a Reis 5,13); a sabedoria utilizada no julgamento direcionada por príncipes e oficiais do governo; a sabedoria educacional voltada para a formação das pessoas diante todos os aspectos da vida, baseada na experiência comparando as conseqüências dos atos de cada um; e, a sabedoria teológica, a do temor de Deus como princípio da sabedoria<sup>14</sup>.

Era comum coleções de sentenças e ditos. Essas coleções constituem a base da literatura sapiencial. O termo hebraico para sentença ou dito é *māšāl*. Segundo Ziener (2004, p. 335), o termo também tem o significado de “dominar”. Daí segue que nem todo enunciado é um *māšāl*, mas um enunciado eficaz que consegue se impor pelo conteúdo. Essa mesma palavra significa ainda, comparação, mas está vinculada a raiz *msl* reger, dominar. Assim a obra que representa com mais acuidade a sabedoria tradicional, o livro de *Provérbios*, “representa um prodigioso esforço de reger e dominar o caos e a confusão da vida cotidiana” (CERESKO, 2004, p. 54)<sup>15</sup>. O

<sup>11</sup> “Como “literatura sapiencial” costuma-se classificar textos que vão desde o mais antigo estoque de simples provérbios, passando aos poucos por séries de provérbios sobre o mesmo tema, até trechos em forma de tratados de caráter didático e poético” (MAIER, 2005, p. 104).

<sup>12</sup> São anteriores ao exílio partes dos ditos de Salomão, Pr 10,1-22,16; 25-29; e alguns salmos sapienciais. As datas aproximadas dos outros escritos pós-exílicos são: Jó, séc. III a.C.; Eclesiástico, cerca de 250 a.C.; Eclesiastes, cerca de 190 a.C.; e, Sabedoria, séc. I (ZIENER, 2004, p. 337).

<sup>13</sup> Certo de que a tradição relaciona a sabedoria a Salomão, podemos afirmar uma possível influência egípcia que concebia os ensinamentos provenientes do rei. O rei seria o garantidor da ordem salvífica (GUNNEWEG, 2005, p.330).

<sup>14</sup> Uma forma de literatura encontrada são as histórias edificantes. Preocupada com a formação das pessoas e do povo os livros de Jonas, Rute, e Ester (WOLFF, 2004, p. 142-146).

<sup>15</sup> Na literatura gnômica distinguem-se alguns gêneros importantes. “o provérbio, seja o simples provérbio popular, seja o provérbio trabalhado do mestre de sabedoria; a sentença exortativa, que aconselha a agir com justiça e a comportar-se com prudência; a máxima, que avalia os diversos comportamentos; o enigma e a fábula” (ZIENER, 2004, p. 335).



provérbio é utilizado porque é uma formulação simples e facilmente memorizado geralmente composto de dois estíquios, ou versos. Lembrando que o provérbio está relacionado com o gênero poético, procura despertar os sentidos. E, fundamental, segundo Schmidt, “é o ritmo frasal, o assim chamado parallelismus membrorum (paralelismo dos membros)” (SCHMIDT, 1994, p. 284). Uma correspondência harmônica de pensamento onde pode ser distinguido o paralelismo sinônimo (por identidade de significado), paralelismo antitético (por contraste), paralelismo sintético (por complementação) e paralelismo climático (por intensificação). No entanto, o paralelismo não o único aspecto importante e característico da poesia hebraica. Nela, mais do que rimar sons, quer-se rimar as idéias ou os conceitos. Para tanto, utilizam-se várias analogias matemáticas (ou melhor, geométricas), dentre as quais está o paralelismo” (SILVA, 2000, p. 306). Admite-se que a poesia é composta de frases ou linhas que se dividem em dois ou três “membros” ou cláusulas que frequentemente possuem correspondência. O paralelismo consiste em dizer algo duas vezes e de forma diferente, serve para suprir a pobreza adverbial e adjetiva encontrada na língua hebraica. Esse recurso literário se apóia sobre duas noções essenciais: o signo (ou elemento) e a seqüência (ou ordem) que podem ser apresentados em diversas combinações, de modo que o poeta pode conseguir elaborações mais sofisticadas às combinações signo-seqüência fundindo outros recursos (SILVA, 2000, p. 30).

Devido a uma concepção unitária da vida, os povos antigos organizaram suas sociedades de acordo com a ordem do universo. Em Israel a sabedoria tradicional é guiada pelo otimismo que concebe ao homem um espaço de liberdade<sup>16</sup>. O homem percebe a ordem do mundo na criação e ordena moralmente sua vida de acordo com essa ordem. Sábio é aquele que realiza em si mesmo essa harmonia (LÍNDEZ, 1999, p. 63). A tradição é a principal fonte, a única forma de transmitir às gerações futuras o que até então os sábios adquiriram. Não obstante, e de nenhum modo diminuindo a importância da tradição, é com o diálogo que a sabedoria israelita permitiu-se a um maior enriquecimento. A crise da sabedoria tradicional que não consegue responder aos novos problemas é o palco que permite aparecer em cena os livros de Jó e Qohélet. Livros que abrem-se, sobretudo, para uma forma de sabedoria questionadora, dialogal (LÍNDEZ, 1999, p. 34 e p. 35)<sup>17</sup>.

Nesse sentido, House (2005, p. 601), afirma que “a Literatura Sapiencial do Antigo Testamento procura, entre outras coisas, encontrar ordem, propósito e sentido na vida”. Qohélet é parte desse material. A sabedoria israelita representa uma forma de ver o mundo baseada na observação de forma reflexiva que não se detém somente no conhecimento especulativo. O sábio não se interessa por ele, “mas pela vida prática” (ZIENER, 2004, p. 333).

Israel depende muito dos povos vizinhos no que diz respeito à sabedoria. Sobretudo, de acordo com Gunneweg (2005, p. 329), existe um grande parentesco entre a sabedoria tradicional e a egípcia. Salomão fez uma aliança com o rei do Egito e importou de lá o modelo de sistema tributário como governo. Assim, trouxe também para sua corte uma “assessoria sapiencial” que exerciam quatro funções. Nas palavras de Storniolo (2002, p. 16): “servir a diplomacia do governo, formar os futuros executivos do rei, registrar a “história oficial” e, finalmente, dar forma à cultura do povo. (...) A fama de Salomão como sábio dependia essencialmente dessa assessoria sapiencial”. Assim sendo, merece destaque a concepção egípcia da ordem divina, o *maat*. Ele ativa o mundo e é considerado pelo sábio o lugar onde se deve buscar o modelo para seu comportamento e de seus discípulos<sup>18</sup>. Na sabedoria egípcia existe uma ordem única de natureza divina. Como o objetivo da sabedoria é indicar o caminho da vida, da felicidade, somente se submetendo a ordem da natureza é que o homem será feliz. Nesse sentido, “utilidade e sucesso, vontade de Deus e prazer são apresentados indiferentes como motivações” (ZIENER, 2004, p. 336).

A política de Salomão suscitava preocupações com relação a religião. Ele desconsidera certos aspectos da fé de que Israel é o povo escolhido de lahweh e está submetido a ele e não a um rei humano (GUNNEWEG, 2005, p. 159). Mas ainda sim, de acordo com Preuss (1981, p. 316), na tradição sapiencial tradicional e também mais antiga de Israel encontrada nos capítulos 10-29 do livro de *Provérbios*, “Deus é principalmente quem estabelece e mantém o equilíbrio entre comportamento e sorte dos homens”. O âmbito do ensino sapiencial é, em grande parte, o da vida quotidiana. No mesmo livro, segundo Ziener (2004, p. 338), encontram-se observações puramente práticas. A maioria deles pressupõe uma ordem que dirige o mundo e segundo a qual existe um nexos entre a ação do homem e a prosperidade.

<sup>16</sup> Provérbios é uma grande coleção que deixa isso evidente. Fora de Israel, os homens e os deuses estão submetidos a esse supremo princípio da ordem, chama-se ele Necessidade, Destino, Némesis, Moira etc. (p. 63). Em Israel, lahweh é o Senhor, não está fadado a ordem.

<sup>17</sup> O lar e a escola eram outros lugares, sobretudo, era a experiência da vida e com a vida o melhor lugar para aprender o que necessita. “Toda sabedoria funda suas raízes na vida experienciada dos povos”. Assim aconteceu com Israel onde seus sábios procuraram comprovar experiencialmente a sabedoria antiga. Certamente a reflexão está presente nesse exercício uma vez que advém diante novas situações históricas. Um momento em que se torna necessário repensar seu esclarecimento para que continue relevante mesmo diante novas situações. (Exemplo Qohélet) (LÍNDEZ, 1999, p. 33 e p. 35).

<sup>18</sup> Encontra-se essa noção no ensinamento de Ptahhotep do império antigo. Sobretudo, é no ensinamento de Amenemope (1000 a 600 a.C.) que essa doutrina sapiencial fica mais clara. E, onde também, é apontada relações com Pr 22,17-23,11. Com a literatura mesopotâmica encontramos mais reflexões sobre a situação existencial humana, embora, ainda sim encontramos a relação entre ação e prosperidade como uma lei amparada por deus (ZIENER, 2004, p. 336-337).



A premissa básica, portanto, da sabedoria tradicional é a *maat* egípcia. Palavra que significa “ordem originária” e também “correção, direito”. Ou seja, “comportamento em consonância com a ordem originária preestabelecida” (GUNNEWEG, 2005, p. 330):

O que existe está debaixo de uma ordem estática que determina todos os cursos e processos. Reconhecer essa ordem é sabedoria. A finalidade da sabedoria é a superação prática da vida pelo enquadramento na, e pela adaptação à ordem originária. Quem age de acordo com a ordem preestabelecida tem sucesso, tem de ter sucesso. Do contrário fracassará e se precipitará na perdição. Por isso os funcionários superiores e os reis precisam aprender sabedoria. Afinal, estão familiarizados com o Estado como expressão da ordem salvífica e como mediação da efetivação da salvação. (GUNNEWEG, 2005, p. 331).

Esse nexos é justificado por dois motivos; um é que a referência a justa retribuição; e, a outra é a afirmação de que o mal é “horror para lahweh”. Conquanto não seja possível distinguir diferença entre estas duas motivações. “Trata-se da ordem inerente ao mundo, cuja não observância é um “horror para lahweh” e traz, por isso, a infelicidade para o homem” (ZIENER, 2004, p. 339). Portanto, na sabedoria tradicional encontra-se fortemente uma perspectiva sob o influxo da fé em lahweh e não antropocêntrica. Os sábios transformaram a sabedoria de acordo com sua fé. A condição do homem diante de Deus está repousada em dois pontos: “a sabedoria de Deus é diferente da do homem; e a sabedoria do homem consiste em se esforçar por conhecer a sabedoria de Deus. O homem faz o aprendizado de seus limites” (VV.AA, 1983, p. 20). De acordo com a sabedoria tradicional, apenas Deus conhece tudo enquanto o homem pode se enganar<sup>19</sup>.

Em sua primeira fase a sabedoria procura pelo significado das coisas, pelo sentido da história e discorre sobre a vida do homem (ou como deve ser essa vida). Procura refletir o sentido último da realidade e do mundo, e conseqüentemente do homem. Nas palavras de Líndez (1999, p. 134):

Nessa busca, o sábio descobre que Deus, Criador e Senhor de tudo, está presente na origem e no término de tudo. O pensamento sapiencial se teologiza, enquadrando-se em uma corrente de otimismo que admite a ordem e o equilíbrio perfeitos não apenas na natureza, mas também na comunidade humana (...). Essa visão otimista e abertamente religiosa fundamenta-se na admissão sem titubeios da doutrina da retribuição temporal e histórica: Deus premia sempre os bons com o êxito e a vitória; aos maus dá sua merecida derrota, não obstante as aparências contraditórias da realidade.

O objetivo principal de toda a literatura sapiencial é a sabedoria como conhecimento e como comportamento caracterizado pelo temor de Deus e pela justiça. Ora, a experiência era insuficiente para explicar a lei que governa o mundo. Entretanto, foi somente no período posterior ao exílio que houve uma justaposição entre a sabedoria e fé na ação livre e salvífica de lahweh presente na Lei e nos Profetas (ZIENER, 2004, p. 340). Assim a espiritualidade da sabedoria é voltada para a libertação, um modo de viver o cotidiano fundado na espiritualidade da *Aliança*. Esta, juntamente com os códigos da lei, dá forma às bases tanto para a tradição histórica que destaca a libertação política e socioeconômica, como para a libertação pessoal que livra o indivíduo da servidão pessoal – ambição, lascívia, orgulho ou agressividade, por exemplo. A interpretação dos escritos sapienciais em sua forma canônica precisa estabelecer seu pano de fundo nos eventos que marcam a história da formação do povo de Israel (CERESKO, 2004, p. 10)<sup>20</sup>.

O que se afirma [sobre a ética] não é que a felicidade e a infelicidade sejam motivações externa da ação humana, mas que a experiência mostra que existe um nexos imediato e intrínseco entre a ação e suas conseqüências. Esta confiança primitiva e ingênua em uma ordem divina, acessível ao conhecimento humano, no qual, do agir humano depende necessariamente a sua prosperidade, não podia persistir porque não correspondia à realidade (ZIENER, 2004, p. 335).

Devido a essa fraqueza, Maier (2005, p. 105), presume que as diferentes tradições transmitiam seus conteúdos dentro de organizações próprias devido ao descontentamento com as instituições existentes. A escola de escriba, ligada ao Templo, tem certa prioridade, mas está voltada para o desenvolvimento da profissão. O certo

<sup>19</sup> “O redator javista de Gn 3 afirma que o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal é a capacidade de discernir o que é bom do que é mau. Ele lembra que o homem não pode elevar-se acima de sua condição e dominar os poderes hostis, entre os quais a morte” (VV.AA, 1983, p. 20).

<sup>20</sup> “Ambos os aspectos são essenciais para concretizar uma libertação verdadeira e total. Uma libertação socioeconômica e política busca instituições e estruturas que promovam a justiça e a lealdade entre seus membros. Uma libertação pessoal assegura que os membros dessa sociedade sejam pessoal e espiritualmente livres e aptos a se esforçar em favor dessas estruturas e instituições e a lhes dar apoio” (Cf. p.12).



é que havia diferentes grupos que tinham a sabedoria como algo que transcende o saber profissional, e “possibilitava os inícios de um pensamento religioso sistemático”. Assim, tanto para sabedoria como a teologia tradicional, o sucesso temporal era sinal de santidade e retidão diante Iahweh. Por outro lado, a adversidade seria o oposto. Sobretudo, com o exílio se agrava as contradições, o ímpio passa a ter sucesso enquanto que o justo depara-se com o sofrimento. O livro de *Jó* aborda a questão do sofrimento imerecido e de como pronunciar-se a respeito de Deus a partir desse sofrimento. *Qohélet*, por sua vez, aborda questões mais complexas como a existência, a condição humana e o sentido de tudo isso perante a incerteza do amanhã.

A sabedoria pré-exílica de Israel não se distingue da de seus vizinhos. Sobretudo, os escritos do pós-exílico apresenta uma sabedoria com características peculiares (ZIENER, 2004, p. 337). Em parte dessa sabedoria tardia nos deparamos com os limites de uma compreensão do mundo que estabelece uma relação necessária entre ação e condição humana ilustradas pelos livros de *Jó* e *Qohélet*. O livro de *Jó* põe em questão a validade da ordem no mundo partindo da impossibilidade de o homem determinar como Deus age. *Qohélet*, por sua vez, põe a questão no *imprevisível acaso* (ZIENER, 2004, p. 346).

Embora a sabedoria tenha se desenvolvido por muitos anos a partir de princípios universais e provada no cotidiano, a sabedoria se choca com o insucesso. Principalmente devido à morte e o sofrimento<sup>21</sup>. O exílio e o período posterior tornaram-se motivos para grandes interrogações. A sabedoria e teologia tradicional se vêem em meio a grandes questionamentos. Em meio a tantas promessas de Deus, e a as discrepâncias encontradas, “a experiência cotidiana mostrava que a equação prosperidade = santidade não funcionava sempre e que era difícil calar-se diante da felicidade e da prosperidade dos ímpios” (VV.AA, 1983, p. 70). No mundo antigo, quase não há dúvidas acerca da existência de Deus. Sobretudo, “em plena crise da sabedoria, será questionada, e muito, a intervenção de Deus na vida e na história dos indivíduos e dos povos” (LÍNDEZ, 1999, p. 60).

À reflexão sapiencial se põe grandes interrogações sobre o homem e suas relações. O exílio a obrigou caminhar, de certa forma, com originalidade. Não é mais possível responder nesse momento recorrendo às convicções antigas (VV.AA, 1983, p. 76). Como já dissemos a irrupção da sabedoria crítica em Israel é representada, sobretudo, pelos livros de *Jó* e *Qohélet*. Temos neles uma autêntica irrupção da crítica. Devido às vicissitudes históricas vividas por Israel no Exílio e suas conseqüências no período posterior, aquela religiosidade otimista da sabedoria tradicional é questionada. Um questionamento bem direcionado aos ditames de uma antiga tradição sapiencial que trazia consigo a pretensão de oferecer explicações para tudo recorrendo ao dogma da retribuição: aos bons o bem, aos maus o mal. “As causas desse questionamento e dessa ruptura têm de ser múltiplas. O mais provável é que, ao menos as principais, nasçam de uma experiência dolorosa (individual ou coletiva) que levam os sábios a perceber a contradição evidente entre teoria da retribuição temporal e a prática” (LÍNDEZ, 1999, p. 135).

A sabedoria fracassa diante a não sucessão. Se o nexa entre ação e retribuição não acontecer ela entra em crise. Dois fatores são responsáveis por esse fracasso. Primeiramente a refutação empírica da retribuição, ou seja, nem sempre o sábio bom consegue o sucesso. Segundo, a sabedoria se engana diante a grandeza de Deus e do universo. Os livros testemunhos desses fracassos são *Jó* e *Qohélet* (GUNNEWEG, 2005, p.332). Fracasso observado também no que diz respeito a concepção de história deuteronomista e do cronista. O exílio deixa graves seqüelas em Israel, ou melhor, às tradições firmadas pelos repatriados que voltaram do exílio babilônico afirmando a ação de Iahweh. Todo aquele questionamento apontado, produzido pelo exílio e pelo domínio persa, será tomado como objeto da reflexão crítica. Para estes sábios (talvez redatores) autores de *Jó* e *Qohélet* não basta mais recorrer à autoridade divina ou a eficiência da sabedoria para a explicação dos fatos e para a orientação da vida. Fica evidente a preocupação destes sábios com as novas circunstâncias que já não podem ser simplesmente reinterpretadas a partir da fé em um Deus que age na história. Mas que deve ser interpretada de forma livre e sem pretensões do mantimento da tradição sapiencial que já não conseguia oferecer nenhum tipo de resistência ao domínio estrangeiro.

#### 4 CONCLUSÃO

A pesquisa aqui desenvolvida configura-se como uma contribuição para educadores da atualidade que enfrentam os problemas de seu tempo, pois, amplia o espectro quanto à educação. Entendida aqui como modo de vida, que salvo, o grande abismo cultural e temporal, pressupõe desafios semelhante aos enfrentados por esses sábios israelitas. Os sábios/editores tinham diante de si um ambiente em crise e procuraram responder a ele da forma mais abrangente possível. Isto é, sem medidas e com grande competência, colocam em juízo toda uma tradição, da qual também eram, direta ou indiretamente, participantes. Portanto, eram, sem sombra de dúvidas, ousados.

Que essas considerações sirvam como uma orientação para nós, que vivemos num tempo tão conturbado. A superação da principal doutrina da sabedoria tradicional, não deixa de ver na sabedoria uma forma de habilidade. Habilidade que permite ao homem conseguir degustar suas experiências o suficiente para delas tirar lições para sua vida. O homem precisa aprender a viver, mesmo que toda a vida pareça uma grande injustiça.

21 Esse insucesso pode ser encontrado em todo o antigo Oriente Próximo. No Egito, Suméria, Mesopotâmia e Babilônia (VV.AA, 1983, p. 53-68).



Seria melhor não existir, do que observar as coisas que acontecem debaixo do sol, uma vez que nada se faz para uma possível mudança. Mas quem pode opinar por isso? Existir ou não? Ninguém, mas, todos podem procurar fazer de sua vida e existência algo que lhes ensinam a caminhar com as “próprias pernas”. Uma vez que os sábios apontam para as incertezas dos conceitos, frente à vida experimentada, duvida que a própria existência possa se alicerçar neles.

Por isso, afirmações de *Qohélet*, causam-nos inquietação, porque, tira-nos de nossas certezas. O sábio/autor deixa-nos perplexos com sua afirmação áspera de que é “melhor nem ter existido”. A existência e o sentido da vida são, para ele, ásperos. Suas afirmações procuram reproduzir o que ele “enxerga sob o sol”, e o que ele enxerga é algo que também o inquieta. Sumariamente, para autor a existência, através de suas observações, é silenciosa. Um silêncio que permite sua opção pelo seu oposto. Existir não significa apenas respirar, significa saber o motivo pelo qual se existe. Significa definir para nós mesmos nossas finalidades educacionais. A existência depende, então, de um sentido para a vida construído a partir de baixo.

## REFERÊNCIAS

CERESKO, Anthony R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. SP: Paulus, 2004.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. SP: Paulus, 1988.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. SP: Teológica/Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. SP: Teológica/Loyola, 2005.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. SP: Editora Vida, 2005.

LÉVÊQUE J. O Ensino dos Sábios. In: VV.AA. *Os Salmos e os Outros Escritos*. SP: Paulus, 1996. Capítulo II, p. 101-130.

LÍNDEZ, José Vílchez. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sabedoria e Sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAIER, Johann. *Entre os Dois Testamentos: história e religião na época do segundo templo*. SP: Loyola, 2005.

SILVA, Cássio M. Dias da. *Métodos de Exegese Bíblica*. SP: Paulinas, 2000.

STORNIOLO, Ivo. *Como Ler o Livro de Eclesiastes: Trabalho e Felicidade*. SP: Paulus, 2004;

\_\_\_\_\_. *Trabalho e Felicidade: O livro do Eclesiastes*. SP: Paulus, 2002.

VV.AA. *As Raízes da Sabedoria*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

YOFRE, Horácio S. *Metodologia do Antigo Testamento*. SP: Edições Loyola, 2000.

WAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. SP: Teológica/Paulus, 2003.

ZIENER, Georg. A Sabedoria do Oriente Antigo como Ciência da Vida: nova compreensão e crítica de Israel á sabedoria. In: SHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. SP: Teológica/Paulus, 2004. Capítulo XVII, p. 333-349.